

# O BOLETIM



DOS  
AMIGOS

DO PADRE  
CAFFAREL

BOLETIM de LIGAÇÃO N°15  
Julho 2014

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL  
49 RUE DE LA GLACIERE  
F-75013 PARIS  
[www.henri-caffarel.org](http://www.henri-caffarel.org)

*O DVD do Padre Caffarel pode ser encomendado à*

**L'Association des Amis du père Caffarel,**

- Por correio : 49 rue de la Glacière F-75013 PARIS
- Por Internet no sítio : [www.henri-caffarel.org](http://www.henri-caffarel.org) ao preço de 5 €

Na última página encontra-se um formulário para  
**renovar sua adesão** para o ano de 2014,  
caso ainda não o tenha feito.

Poderá inscrever, no verso desse formulário, os nomes de amigos para os quais deseja que enviemos uma ficha de adesão.

## SUMÁRIO

- **Editorial** : «A Virtude da Fidelidade em Família »  
Tó e José Moura Soares p. 2
- «A Catalunha festeja os 60 anos da visita do Pe. Caffarel»  
Enrique e Marisa Manzanilla p. 4
- **Testemunho**: Franscec Verges I Vives p. 8
- **A palavra do postulador**  
Pe. P. D. Marcovits p. 10
- **Estado do progresso da causa**  
Marie-Christine Genillon p. 11
- **O ano da Família**  
«Uma igreja em miniatura»Père Henri Caffarel p. 12  
Vatican II :
  - o **Constituição GAUDIUM ET SPES** p. 15
  - o **Decreto sobre o Apostolado dos Leigos** p. 16
- **Chegada do Pe. CAFFAREL a TROUSSURES** p. 18
- **Relatório financeiro da Associação Amigos do Pe. Caffarel** p. 21
- **A Oração do Pe. Caffarel** p. 23
- Associação dos Amigos do Pe. Caffarel,  
membros de honra p. 24
- **Boletim de renovação de adesão** p. 27

## **EDITORIAL**

Tó e José Moura Soares

*(Casal responsável da Equipa Responsável  
Internacional das Equipas de Nossa Senhora)*



### A VIRTUDE DA FIDELIDADE

Fazendo memória ao Padre Caffarel:

*15 - « Vós tendes um carisma próprio. Aliás, para serem as testemunhas que o mundo espera, não há necessidade de deixar as vossas tarefas domésticas ou profissionais; não ireis partir para uma cruzada longínqua ».*

A grande novidade do AMOR existente na Aliança misteriosa que Nosso Senhor fez com os homens só se capta quando se experimenta .

Esta Aliança, cheia de ternura, cheia de vigor, torna-nos capazes de aceitar o convite e os desafios da grande dimensão do sacramento do matrimónio e da construção da família

Deus só fez esta aliança connosco por achar que o homem .ao ser amado se torna capaz de amar.

Um amor verdadeiro sincero e gratuito tem à partida a garantia de ser fiel. A fidelidade é fundamentalmente o fruto da qualidade do amor, ela é o modelo que terá de ser adoptado na família para que ela também dê frutos

A fidelidade do amor humano não se vive apenas no casamento..A fidelidade é uma virtude cristã, com ela e nela mantemos os nossos compromissos em casal, na família e com os nossos irmãos.

Quem não é capaz de dizer na sua família, independentemente a quem for: *“amo-te para toda a vida “.*?

Tenhamos então a coragem de introduzir no tempo a profundidade do Eterno.

Se nos olhamos uns para os outros com ar de quem julga, perderemos de certo o essencial de sermos capazes de amar para sempre.

Que os casais da ENS tenham a ousadia de repartir o amor que Deus lhes deu e tenham a esperança que a ternura que espalham nas suas famílias não é mais do que uma expressão da misericórdia de Deus em nós.

Animados pois desta confiança e certos de que não precisamos de fazer uma *“cruzada longínqua“* para que as nossas famílias sejam verdadeiras células vivas na Igreja dos nossos tempos, onde o amor existirá para sempre, sejamos audazes e atentos na resposta aos sinais que a sociedade nos lança.

Tó e José Moura Soares



## A Catalunha festeja os 60 anos da criação das Equipas de Nossa Senhora em Barcelona

Celebramos este ano o sexagésimo aniversário do início das Equipas de Nossa Senhora em Barcelona. Alguns anos antes, tinha-se criado nesta cidade um grupo de famílias cristãs e, já em 1951, estas tinham entrado em contacto com o Pe. Caffarel, que enviou algumas cartas «aos queridos amigos de Barcelona». Na carta de 27 de Março de 1954, escrevia: *«Recebi a vossa carta poucos minutos antes da minha partida para a Suíça. Estou de todo o coração convosco no terceiro aniversário do vosso grupo. É pena não poder estar entre vós. Ter-vos-ia dito: Amigos, permaneci sempre fraternalmente unidos para vos ajudardes a descobrir a maneira de viver um cristianismo integral. O que, de forma imperiosa, falta ao nosso mundo moderno são cristãos totalmente entregues a Cristo. Peço-vos a todas as vossas orações. Saudai respeitosamente da minha parte os vossos capelães».*

Praticamente um mês depois. Mons. J. Phillias, membro das Equipas de Nossa Senhora, manifesta a sua intenção de vir a Barcelona para contactar com vários grupos, famílias e padres interessados em informação sobre as Equipas de Nossa Senhora.

No início, havia em Barcelona um grupo de dez ou quinze casais, grupo que se dividiu em dois, segundo as indicações de Paris. Um deles adoptou a designação de equipa Barcelona-1, equipa que ainda hoje existe.

A lembrança de algumas pessoas de Barcelona que conheceram o Pe. Caffarel é a de uma pessoa exigente, com um grande amor a Cristo e à Igreja. Essas pessoas recordam estas palavras a respeito dos casais que iniciavam os grupos em Paris: *«Elas ensinavam-me o que era o amor humano e eu podia ensinar-lhes o amor a Cristo».* A sua visão das Equipas era a de comunidades cristãs em que se respira a interioridade da fé com a confiança acolhedora dos equipistas.

As Equipas viveram um período de entusiasmo e de impulso de expansão nos anos 50-60. A partir de Barcelona, as Equipas chegavam a outros lugares da Catalunha e do resto de Espanha. Assim, por exemplo, de Outubro de 1959 a Outubro de 1960, passou-se de 20 a 42 equipas. Em 1962, nos quatro sectores que havia em Barcelona (incluíam também outras cidades, tais como Terrassa, Sabadell, Girona, Réus, etc.) havia 68 equipas constituídas, 20 em pilotagem

e 14 em formação. Nesse ano, havia também já equipas em Sevilha, Madrid, Valência, Pamplona e outras cidades.

Eis o testemunho de Aurora e José Ramón, um casal de Sevilha, no final dos anos 50: «Por ocasião de uma viagem a Barcelona, assistimos a uma reunião da equipa Barcelona-1. A reunião impressiona-nos e entusiasma-nos, especialmente a parte dedicada à oração e ao pôr em comum, impressões essas que transmitimos aos grupos de Sevilha, decidindo dirigir-nos a Paris para solicitar a nossa admissão no Movimento das equipas».

Em Setembro de 1959, realizou-se a primeira reunião de responsáveis em Espanha, segundo uma informação das equipas de Sevilha. Esse encontro teve lugar em Vallvidrera, em Barcelona, com a presença do Pe. Caffarel, dos responsáveis regionais das equipas espanholas e dos Sipsom, do Centro Director.

Enrique e Marisa Manzanilla  
Correspondentes da Associação dos Amigos do Pe. Caffarel



## EM MEMÓRIA DO PE. CAFFAREL

*O Pe. Franscec VERGES I VIVES era espanhol, mais exactamente, catalão. Conheceu o Pe. Caffarel desde o início das Equipas de Nossa Senhora no seu país.*

Meu Pe. Caffarel

Uma tarde de Setembro, um telefonema do Pe. Sarrias anuncia-me a morte do Pe. Caffarel. Exclamei espontaneamente: «Sinto-me órfão!». Caffarel tinha sido para mim um pai na fé e no meu ministério sacerdotal. Não o único, mas um dos mais importantes. Não o via há alguns anos, mas estava sempre presente no meu espírito. É claro que não sou o único a sentir a sua morte como a de um pai. Muitos equipistas por esse mundo terão este mesmo sentimento.

No Domingo 3 de Novembro de 1996, na sacristia da nossa Catedral, muitos Conselheiros das Equipas estávamos a preparar-nos para a Missa em sua memória. O Cardeal, Mons. Carles, também ele antigo Conselheiros das equipas, confessou-me que tinha conhecido o Pe. Caffarel através da revista *L'Anneau d'Or*. Teria sido muito interessante ouvir as recordações de cada Conselheiro. É a minha vez de contar as minhas.

A partir de 1954, tive muitos contactos com o Pe. Caffarel, no início das ENS em Barcelona. Em Paris, nas jornadas dos Conselheiros. Em Roma e Lourdes nos Encontros Internacionais das Equipas e do Movimento das Viúvas, outra obra suscitada por ele. Em Barcelona, pela primeira vez em 1959, uns meses depois do encontro de Roma com o Papa João XXIII, havia o entusiasmo e um grande impulso de expansão no nosso país e no mundo inteiro. Muitas pessoas estavam interessadas nas Equipas, um período feliz para as ENS. O Pe. Caffarel recebeu em minha casa o jovem Jordi Pujol (futuro Presidente da Catalunha) para falar das equipas de casais «Confraria de Virtêla» que estavam a começar à imagem das ENS. Em Blois, houve uma reunião com alguns casais e conselheiros, durante a qual ele nos deu a conhecer o seu desejo para o presente e o futuro das Equipas. Em Madrid, numa Jornada Internacional de Responsáveis, ouvi-o dar a sua visão das Equipas como comunidades cristãs que viviam a interiorização da fé, na confiança e no acolhimento dos equipistas. Voltei a encontrá-lo também em

Lourdes durante o Concílio, num encontro internacional. Alguns anos depois, fui a Troussures, à Casa de Oração, para participar numa das famosas «Semanas de Oração», em que ele foi o meu mestre de oração. Estávamos no fim de 1970 e ele já não era o Conselheiro Espiritual das ENS. E foi nessa Casa que ele morreu em Setembro de 1996.

Não conheço toda a sua vida. Em 1939, era um jovem padre em Paris. Foi vigário paroquial na paróquia de St. Augustin em Paris. Algum tempo antes da guerra, conheceu jovens casais bons cristãos – talvez antigos escuteiros – que lhe pediram que os esclarecesse sobre o amor no casamento e o seu desejo de amar Cristo. Ele recordava que o amor alegre daqueles quatro casais o tinha tocado e levado a interessar-se pelo casamento através deles. Dizia: «Eles ensinaram-me o que era o amor humano, e eu podia ensinar-lhes o que era o amor a Cristo». Confessava que isso o tinha conquistado e entusiasmado, revelando-nos assim o segredo da sua vida: «No princípio, dizia ele, quatro reuniões bastaram para decidir a minha vocação».

O Pe. Caffarel foi um homem «de vocação», como gostava de dizer Emmanuel Mounier, seu contemporâneo. Era, ao mesmo tempo, encorajador e exigente. O Pe. Caffarel foi esse humanista, seduzido por Cristo, homem do encontro e da experiência de Deus. O «quaker católico», como eu lhe chamava às vezes, fazendo referência a Thomas Kelly, o quaker que ele tanto apreciava e muitas vezes citava. Sabendo isto dele, compreende-se o seu entusiasmo e a sua tenacidade. O seu ser vivia em profundidade, e, ao longo dos anos, ele comunicava essa profundidade a tudo o que empreendia. Fiel ao seu chamamento íntimo – à sua vocação – fazia avançar todas as suas obras.

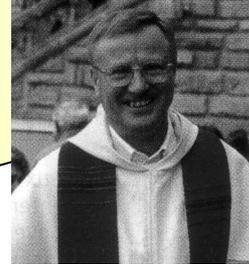
Franscec Verges I Vives



## Ao serviço

### *A palavra do postulador*

Pe. Paul-Dominique Marcovits, o.p.



*Postulador da causa de Canonização do  
Pe. Caffarel*

## A santidade irradia

A beatificação de um servo de Deus não é a da sua obra mas a da sua pessoa. No entanto, a obra é uma irradiação da sua pessoa.

No encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora em Brasília, muitos éramos os que admiravam os inúmeros casais de todas as nacionalidades, reunidos na alegria e numa profunda oração. Não é esta a descendência espiritual do Pe. Caffarel? E dizíamos uns aos outros: «Aqui está a irradiação da santidade do fundador das Equipas de Nossa Senhora». Sim, a santidade irradia! Se os frutos são santos, as raízes são santas.

Mas é o Pe. Caffarel, a sua pessoa, que apresentamos à Igreja para que a sua santidade seja reconhecida. É a sua pessoa que há que conhecer, amar, rezar. Parece-me conveniente ler e meditar o que ele escreveu: entramos assim no seu universo espiritual, ele põe-nos diante de Deus, a única meta da sua vida. Um santo conduz sempre os seus irmãos e as suas irmãs ao Senhor, à presença de Deus. Mas também é preciso rezar-lhe, pedir-lhe que nos acompanhe, que nos guie... Cria-se um vínculo pessoal, um vínculo que atravessa o céu e a terra, um vínculo simples e familiar. Ele está próximo.

Os sinais da sua proximidade relativamente a nós são as graças que muitos recebem pela sua intercessão: graças espirituais. É nesta terra arada pela graça que pode nascer um milagre.

À luz disto mesmo, como já escrevemos, não hesitem em nos enviar os vossos testemunhos. Mas também peçamos ao Senhor que Se digne responder aos nossos pedidos de um milagre para que o servo de Deus seja reconhecido como beato e possa assim iluminar os casais na caminhada do seu casamento e também iluminar-nos no caminho da oração: o grande desejo do Pe. Caffarel era que pudéssemos fazer a experiência do encontro pessoal com Deus.

Pe. Paul-Dominique Marcovits, o.p.

## ESTADO DO PROGRESSO DA CAUSA

---

Boa notícia! O conjunto da documentação reunida pelo postulador, o Pe. Paul-Dominique Marcovits, e pela vice-postuladora, Marie Christine Genillon, foi entregue ao Presidente da Comissão Canónica de Inquérito, Mons. Maurice Fréchar, a 14 de Março de 2014. A Comissão recebeu também os relatórios dos dois censores teólogos e o relatório comum da Comissão Histórica constituída por três membros.

O Presidente da Comissão, bem como os outros membros da mesma, o promotor de justiça e a notária devem agora verificar a constituição e a conformidade do conjunto do dossier da Causa do Pe. Caffarel.

O postulador e a vice-postuladora vão a seguir ter a possibilidade de tomar conhecimento do dossier constituído pela Comissão Canónica, nomeadamente os processos verbais das audições das testemunhas ouvidas por essa Comissão. Todo este procedimento é confidencial.

Depois, não falta senão fotocopiar o dossier completo em dois exemplares: o original ficará na diocese de Paris e as duas cópias serão enviadas para a Congregação para as Causas dos Santos em Roma.

Se estiver correcto, o fecho oficial do dossier selado pelo Chanceler da diocese está previsto para Paris, sob a presidência de um Vigário geral delegado pelo Arcebispo, a 18 de Outubro de 2014, e este acto será seguido de uma missa de acção de graças em Saint-Augustin, que foi a paróquia do Pe. Caffarel durante 40 anos.

Marie-Christine Genillon  
vice-postuladora

## ANO DA FAMÍLIA ARQUIVOS DO PE. CAFFAREL

*Neste Ano da Família, propomo-vos pôr em perspectiva um editorial do Pe. Caffarel e alguns excertos de documentos conciliares. Este editorial de Março de 1962 é típico da reflexão que levou, uns anos mais tarde, à redacção dos capítulos dedicados à família na constituição Gaudium et Spes e no decreto sobre o apostolado dos leigos.*



### **CARTA MENSAL DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA**

***Número especial – Março de 1962***

#### **UMA «IGREJA EM MINIATURA»**

«Cada vez que se quer aprofundar um aspecto da vida do casal ou da família, há que voltar ao ensino da Igreja a respeito do sacramento do matrimónio<sup>1</sup>. Este sacramento tem a característica de o seu sujeito não ser o indivíduo, como nos outros sacramentos, mas o casal enquanto casal. De facto, ele fundamenta, consagra, santifica esta pequena sociedade, única no seu género, que o homem e a mulher casados constituem. E é a única instituição natural que goza do privilégio de entrar na ordem da graça, de se unir, enquanto tal, ao Corpo místico. Efectivamente, isto não se pode dizer de uma nação nem de um mosteiro: os seus membros podem muito bem estar unidos ao Corpo místico, mas não o agrupamento enquanto agrupamento. Ao passo que o casal, em relação com o Corpo místico, se torna uma ramificação, um órgão desse Corpo, cuja vida o penetra e o sustenta. Ora, essa vida, bem o sabeis, tem uma orientação dupla: ao mesmo tempo cultural e apostólica.

<sup>1</sup> Excertos de uma conferência feita nas Jornadas de Casais Responsáveis, em Outubro de 1958, publicada no nº 98 de *L'Anneau d'Or*.

Ao longo das páginas que se vão seguir, é este o primeiro aspecto que vai reter a nossa atenção. Partamos da noção de matrimónio cristão. Não é apenas o dom recíproco do homem e da mulher; é também o dom, a consagração do casal a Cristo. A partir de então, nesse casal que, dando-se, se abriu a Ele, Cristo está presente; é por isso que S. João Crisóstomo lhe chama uma “Igreja em miniatura”. Esta presença, é verdade, verifica-se já quando dois ou três estão reunidos em nome de Cristo (Mt 18,20), mas no caso do casal há mais e melhor: um pacto, uma aliança, no sentido bíblico da palavra, entre Cristo e o casal. Aquilo que Yahvé dizia dantes — “Serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” —, di-lo Cristo, por sua vez, ao casal. Assim unido ao casal, presente no casal, Cristo aspira a dar graças a seu Pai, a interceder com e através dos esposos pelo mundo inteiro...

O tempo forte deste culto do casal é precisamente a oração conjugal. E à noite, quando aquele homem e aquela mulher rezam, é a oração do seu Filho muito amado que o Pai do Céu ouve, porque, no coração dos esposos, o Espírito de Cristo inspira os seus sentimentos.

Enquanto não houver elevação a esta altura, não se poderá captar bem nem promover a oração conjugal. A sua necessidade e a sua grandeza só se explicam na perspectiva do sacramento do matrimónio. Numa palavra, quando Cristo une pelo seu sacramento um homem e uma mulher, é para fundar um santuário, esse santuário que é o casal cristão, onde Cristo poderá celebrar, com o casal e pelo casal, o grande culto filial de louvor, de adoração e de intercessão que Ele veio instaurar na terra...

E a oração familiar? Rapidamente, de facto, o casal torna-se família. A oração conjugal abre-se então muito naturalmente à oração familiar. Não digo que a oração familiar substitui a oração conjugal, mas antes que a oração conjugal se abre em oração familiar. É importante esta distinção. Isso quer dizer que, para captar o significado profundo da oração familiar, é necessário partir da oração conjugal.

O casal é célula da Igreja, já o dissemos, vive da vida da Igreja: tanto para a pequena célula como para a Igreja inteira, a primeira função é o culto a Deus. Mas não esqueço que o casal tem outra função característica, específica: a procriação. Mas a própria procriação num casal cristão só se compreende bem em relação à missão cultural. Expliquemo-nos.

O grande objectivo da fecundidade, num casal cristão, é, ou pelo menos deveria ser, gerar e formar “adoradores em espírito e em verdade”, para que na terra se prossiga o culto do verdadeiro Deus. Mas, enquanto os filhos não revezam os pais fundando, por sua vez, as suas famílias, a oração conjugal

associa-os a si e, graças a eles, abre-se em oração familiar, tal como a seiva no tronco passa para os ramos para que eles produzam folhas, flores e frutos. A oração conjugal apodera-se dos filhos para cantar a glória do Senhor em nome do mundo inteiro. Assim entendida, a oração familiar é muito diferente de um hábito enternecedor: é realmente a actividade primeira, capital, fundamental da família cristã. É ela que distingue a família cristã de uma família não cristã. Por conseguinte, a oração familiar não será só a oração do pai ou da mãe, nem sequer a oração dos dois, nem só a oração dos filhos, mas a oração de todos, unânimes, em que ninguém é simplesmente espectador, em que cada um participa activamente».

Pe. Henri Caffarel



***Concílio Vaticano II. Constituição Gaudium et Spes, II Parte, capítulo I  
48. A santidade do matrimónio e da família***

1. A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja, pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do acto humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimónio, o qual possui diversos bens e fins, todos eles da máxima importância, quer para a propagação do género humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana. Por sua própria índole, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e educação da prole, que constituem como que a sua coroa. O homem e a mulher, que, pela aliança conjugal «já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19,6), prestam-se recíproca ajuda e serviço com a íntima união das suas pessoas e actividades, tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam. Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união.

2. Cristo Senhor abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspectos, nascido da fonte divina da caridade e constituído à imagem da sua própria união com a Igreja. E assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens e esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimónio. E permanece com eles, para que, assim como Ele amou a Igreja e se entregou por ela, de igual modo os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade. O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela acção salvadora da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe. Por este motivo, os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial; cumprindo, graças à força deste, a própria missão conjugal e familiar, penetrados do espírito de Cristo que impregna toda a sua vida de fé,

esperança e caridade, avançam sempre mais na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim juntos para a glorificação de Deus.

3. Precedidos assim pelo exemplo e oração familiar dos pais, tanto os filhos como todos os que vivem no círculo familiar encontrarão mais facilmente o caminho da existência humana, da salvação e da santidade. Quanto aos esposos, revestidos com a dignidade e o encargo da paternidade e maternidade, cumprirão diligentemente o seu dever de educação, sobretudo religiosa, que a eles cabe em primeiro lugar.

4. Os filhos, como membros vivos da família, contribuem a seu modo para a santificação dos pais. Corresponderão, com a sua gratidão, piedade filial e confiança aos benefícios recebidos dos pais e assisti-los-ão, como bons filhos, nas dificuldades e na solidão da velhice. A viuvez, corajosamente assumida na sequência da vocação conjugal, por todos deve ser respeitada. Cada família comunicará generosamente com as outras as próprias riquezas espirituais. Por isso, a família cristã, nascida de um matrimônio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros.

***Concílio Vaticano II. Decreto sobre o Apostolado dos Leigos. 18 de Novembro de 1965***

***Capítulo III, nº 11 : A família***

O criador de todas as coisas constituiu o vínculo conjugal princípio e fundamento da sociedade humana e fê-lo, por sua graça, sacramento grande em Cristo e na Igreja (cf. Ef 5,32). Por isso, o apostolado conjugal e familiar tem singular importância tanto para a Igreja como para a sociedade civil.

Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares. Eles são os primeiros que anunciam aos filhos a fé e os educam. Formam-nos, pela palavra e pelo exemplo, para a vida cristã e apostólica. Ajudam-nos com prudência a escolher a sua vocação e fomentam com todo o cuidado a vocação de consagração porventura neles descoberta.

Foi sempre dever dos esposos e hoje é a maior incumbência do seu apostolado: manifestar e demonstrar, pela sua vida, a indissolubilidade e a santidade do vínculo matrimonial; afirmar vigorosamente o direito e o dever próprio dos pais e tutores de educar cristãmente os filhos; defender a dignidade e legítima autonomia da família. Cooperem, pois, eles e os outros cristãos, com os homens de boa vontade para que estes direitos sejam integralmente assegurados na legislação civil. No governo da sociedade, tenham-se em conta as necessidades familiares quanto à habitação, educação dos filhos, condições de trabalho, seguros sociais e impostos. Ao regulamentar a migração salve-se sempre a convivência doméstica.

Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja; se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer uma hospitalidade actuante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade. Podem enumerar-se, entre as várias obras de apostolado familiar, as seguintes: adoptar por filhos crianças abandonadas, receber com benevolência estrangeiros, coadjuvar no regime das escolas, auxiliar os adolescentes com conselhos e meios materiais, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimónio, colaborar na catequese, auxiliar os esposos e as famílias que se encontram em crise material ou moral, proporcionar aos velhos não só o necessário, mas também fazê-los participar, com equidade, dos frutos do progresso económico.

As famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que mostram do matrimónio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo, sempre e em toda a parte, mas sobretudo naquelas regiões em que se lançam as primeiras sementes do Evangelho ou em que a Igreja está nos começos ou atravessa alguma crise grave.

Pode ser oportuno que as famílias se unam em certas associações para mais facilmente poderem atingir os fins do seu apostolado.



# O PE. CAFFAREL CHEGA A TROUSSURES

## ***CARTA MENSAL DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA*** ***XIX ano – nº 10 – Julho de 1966***

### UMA CASA DE ORAÇÃO

Foi-me proposto, em Setembro último, assumir a direcção espiritual de uma casa que foi, durante vinte anos, uma casa intelectual e espiritual muito viva, animada pelo Pe. Doncœur. Hesitei e rezei durante muito tempo antes de responder a esta oferta inesperada. É uma pesada responsabilidade aceitar tal herança espiritual. Procurei conhecer as intenções do Senhor. Acabei por dizer que sim e decidi fazer dela uma «Casa de oração». Não se trata de uma qualquer «casa de repouso». Nem sequer de uma «casa de retiros» (de que não há falta). Mas de uma ilha de silêncio, a 75 km de Paris, de um centro para acolher, ao longo de todo o ano, aqueles que Deus chama a encontrar-se com Ele na solidão durante alguns dias: «Ao deserto a conduzirei, para lhe falar ao coração» (Oseias 2,16).

A propriedade de dez hectares e, de forma mais ampla, o campo circundante, são admiravelmente calmos, livres da agitação e da febre da metrópole parisiense. E tudo na casa será concebido com vista ao recolhimento.

Durante o período em que hesitei sobre a decisão a tomar, encontrei o texto de Gopal Mukerji citado um dia pelo Pe. Doncœur nos *Cahiers du Cercle Sainte-Jeanne*: «Assim que um dos meus discípulos mostra sintomas de ter sido apanhado pela rotina das boas obras, mando-o para o nosso retiro dos Himalaias para aí meditar e purificar a sua alma. Quando tiver recuperado plenamente a sua visão de Deus, se ele quiser, deixo-o regressar». Os Himalaias às portas de Paris! Melhor: uma casa em que se verifique a

promessa do Senhor: «Hei-de cumulá-los de alegria na minha casa de oração» (Is 56,7).

Não podendo lá permanecer continuamente, procuro um padre que lá resida – um padre doente, por exemplo, que, não podendo exercer um ministério activo, assegure a missa diária e responda a quem recorrer aos seus conselhos.

Tenho também em vista eu próprio, várias vezes por ano, animar lá «Semanas de oração» abertas a todos: leigos e padres, celibatários e casados. Os irmãos separados serão acolhidos com alegria, bem como os não cristãos. As pessoas reunir-se-ão na capela várias vezes por dia para escutarem a Palavra de Deus, comentada pelo padre, e rezarem juntas. O resto do tempo, cada um falará com o Senhor na capela, no seu quarto ou no campo. Haverá breves conversas com quem desejar ser iniciado à oração ou aspirar a saber «rezar sem cessar», consoante a recomendação do Senhor.

Não se tratará, como vêm, de retiros fechados no sentido clássico da expressão: as pessoas não virão, em primeiro lugar, para se converterem, para procurarem o seu caminho ou para resolverem problemas. Virão como filhos felizes por se encontrarem na casa do Senhor, ávidos de O escutar, atentos e acolhedores à sua Palavra; disponíveis, desejosos de viver o dia todo na sua familiaridade; calmos pela sua paz ao mesmo tempo que activos dessa intensa actividade espiritual que é a oração – não é a oração uma participação na própria actividade de Deus? E isso num clima de grande silêncio e de amor fraterno, formando os hóspedes uma pequena comunidade temporária, parcela desse povo que Deus escolheu «para louvor da sua glória» (Ef 1,14).

Para inaugurar essas Semanas de oração, teria sido mais razoável esperar a conclusão das obras bastante consideráveis de reabilitação, de organização e de expansão que se impõem – e para as quais é preciso encontrar fundos com urgência. Mas o tempo urge. Tantas almas que se desagregam no clima de inquietação, de febre, de materialismo em que se banham. E o nosso mundo ameaçado – de catástrofes espirituais mais ainda do que de catástrofes materiais – tem tanta necessidade de oração!

Com os leitores dos *Cadernos sobre a oração*, vós, membros das ENS, sois os primeiros convidados para essas Semanas de oração. Mas devo prevenir-vos que as condições de alojamento ainda vão ser pouco confortáveis. Para que a casa possa receber trinta pessoas, o que me parece um bom número, será preciso que alguns tragam as suas tendas e acampem na propriedade. Mas, no fim de contas, esse conforto medíocre talvez não seja uma condição desfavorável à vida de oração.

Fica-me uma apreensão: que se inscrevam para as duas Semanas de oração deste verão mais pessoas do que aquelas que é possível receber: duzentas ou trezentas... em vez de sessenta! Nesse caso, impor-se-á uma escolha que será inevitavelmente algo arbitrária. Seremos guiados pelo desejo de uma grande variedade entre os participantes. Mas, para que essa escolha não nos seja demasiado cruel, teremos que ter a certeza de que aceitarão bem a nossa resposta, seja ela qual for, ao vosso pedido de inscrição.

Por favor, rezai para que estas semanas correspondam bem às expectativas do Senhor.

Pe. Henri Caffarel



## RELATÓRIO FINANCEIRO 2013 DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO PE. CAFFAREL

No final de Dezembro de 2013, o estado das receitas e das despesas apresenta-se da seguinte forma:

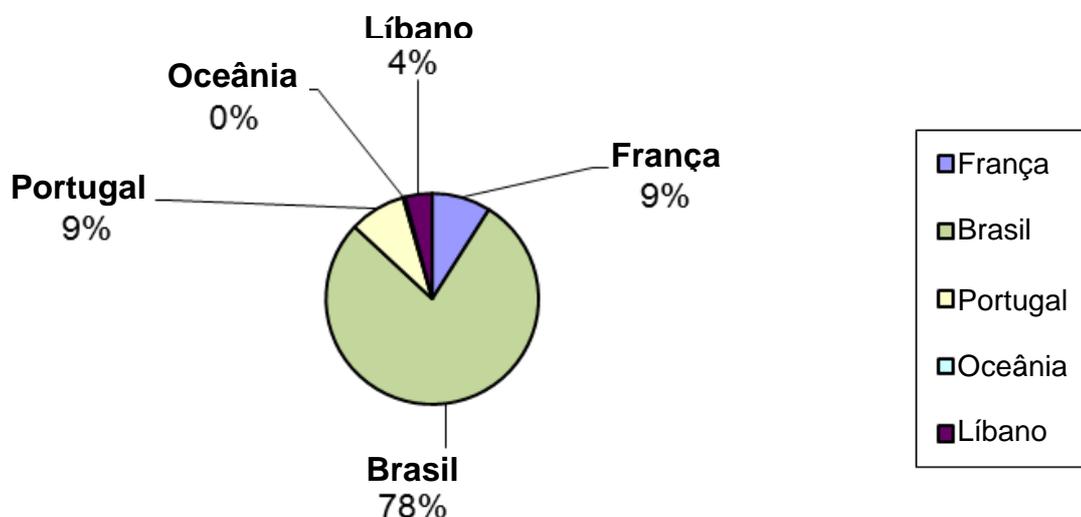
<b>Despesas</b>	2013	2012
• Deslocações para testemunhos	900 €	1 488 €
• Despesas de escritório	3 425 €	1 357 €
• Equipa Postulação	6 000 €	7 365 €
• Assistência secretariado reprografia	6 202 €	6 220 €
<b>Total</b>	<b>16 527 €</b>	<b>16 430 €</b>
<b>Receitas</b>		
• Quotizações	23 284 €	13 344 €
• Subvenção ERI	0 €	0 €
• Donativos	460 €	425 €
• Venda de merchandising	105 €	0 €
• Colóquio	23 €	194 €
• Produtos Financeiros	569 €	1 529 €
<b>Total</b>	<b>24 441 €</b>	<b>15 492 €</b>
<b>Resultado</b>	<b>7 914 €</b>	<b>- 938 €</b>

As despesas entre 2012 e 2013 são estáveis. A principal actividade do ano consistiu em terminar o dossier para entrega à Comissão diocesana. Poucas deslocações quer para entrevistas quer para os membros da Equipa.

As receitas de quotizações 2013 cresceram. Isto deve-se principalmente às receitas provenientes do Brasil. Por conseguinte, decidimos, da mesma forma que nos anos anteriores, não solicitar a subvenção das Equipas de Nossa Senhora Internacional (10 000 €) e de a reportar aos anos seguintes em função da evolução da causa e em particular da sua transferência para Roma com um Postulador local. Tendo em conta esta transferência, o orçamento provisório para o ano de 2015 situa-se nos 27 000 €.

\*\*\*\*\*

## Proveniência das Quotizações e Donativos 2013 em €



As quotizações e os donativos continuam e vir principalmente do Brasil, que é o verdadeiro motor da causa. A proveniência das quotizações está directamente ligada à designação e ao compromisso dos correspondentes da associação nas Supra-Regiões. A recolha das quotizações contribui para a boa saúde financeira da associação, permitindo a constituição de reservas com vista às previstas celebrações de beatificação e de canonização, mas é também um indicador significativo da importância que os fiéis atribuem à causa.

As reservas, no fim de 2013, são ligeiramente superiores a 40 000 € e permitem considerar serenamente o seguimento do processo e desenvolver acções de comunicação como objectivo de mais bem dar a conhecer o Pe. Caffarel e o seu pensamento.

Nota: Este gráfico apresenta as quotizações contabilizadas durante o ano ao nível da associação e podem apresentar um desfasamento em relação à recolhas registadas em cada país durante o ano de 2013.

Philippe Deney  
Tesoureiro

**Oração pela beatificação  
do servo de Deus  
Henri Caffarel**

Deus, nosso Pai,  
Tu colocaste no fundo do coração de seu servo Henri Caffarel  
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho  
e o inspirou a falar d'Ele.

Profeta do nosso tempo,  
ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um  
segundo a palavra que Jesus dirige a todos: “Vem e segue-me”.

Ele entusiasmou os esposos para grandeza do sacramento do matrimónio  
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

**Mostrou que padres e casais**

são chamados a viver a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito,

conduziu muitos crentes no caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por Ti, Senhor.

Deus, nosso Pai,  
pela intercessão de Nossa Senhora,  
nós te pedimos que apresses o dia  
em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,  
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,  
cada um segundo sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o padre Caffarel... *(Indicar a graça a pedir)*

**Oração aprovada por Monsenhor André VING-TROIS – Arcebispo de Paris.**

**“Nihil obstat”: 4 de Janeiro de 2006 – “Imprimatur”: 5 de Janeiro de 2006**

*No caso de obtenção das graças pela intercessão do Padre Caffarel, entrar em contato com:*

*Le postulateur*

*Association “Les Amis du Père Caffarel”*

*49 rue de la Glacière – F 75013 PARIS*

## Associação dos Amigos do Padre Caffarel

### Membros honorários

Cardeal Jean-Marie LUSTIGER, ex-arcebispo de Paris †

René RÉMOND, da Academia Francesa †

Pedro e Nancy MONCAU †

Dom Guy THOMAZEAU, arcebispo emérito de Montpellier

Padre Bernard OLIVIER o.p., ex-conselheiro espiritual da l'E.R.I. <sup>1</sup> †

Jean e Annick ALLEMAND, ex-voluntários permanentes, biógrafo do  
Padre Caffarel

Louis e Marie d'AMONVILLE, ex-responsáveis da Equipa Responsável, ex-voluntários  
permanentes

Madeleine AUBERT, responsável geral da  
“Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição”

Igar e Cidinha FEHR, ex-responsáveis da l'E.R.I. <sup>1</sup>

Mons. François FLEISCHMANN, ex-conselheiro espiritual da l'E.R.I. <sup>1</sup>

Padre ETIENNE-MARIE, Irmão de São João,  
Abadia Nossa Senhora de Caná (Troussures)

Alvaro e Mercedes GOMEZ-FERRER, ex-responsáveis da l'E.R.I. <sup>1</sup>

Pierre † e Marie-Claire HARMEL, equipistas, ex-ministro belga

Odile MACCHI, ex-responsável geral da

« Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição »

Marie-Claire MOISSENET, presidente de honra do Movimento

« Esperança e Vida »

Gérard e Marie-Christine de ROBERTY, ex-responsáveis da l'E.R.I. <sup>1</sup>

Michèle TAUPIN, presidente de honra do Movimento

“Esperança e Vida”

Carlo e Maria Carla Volpini, ex-responsáveis da E.R.I. <sup>1</sup>

Jean-Michel VUILLERMOZ, responsável dos Intercessores

Danielle WAGUET, colaboradora e executora testamentária do  
Padre Caffarel

<sup>1</sup> E.R.I. : Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora

**Postulador :**

Padre Marcovits, o.p.

**Vice-postuladora :**

Marie-Christine Genillon

**Diretor de publicação :**

José Moura-Soares

**Equipa de Redação :**

Loïc e Armelle Toussaint de Quiévre-court

---

*OS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL*

Associação conforme a lei 1901 pela promoção da Causa  
de canonização do Padre Henri Caffarel

49, rue de la Glacière - (7<sup>e</sup> étage) – F 75013 PARIS

Tel.: + 33 1 43 31 96 21 - Fax.: + 33 1 45 35 47 12

e-mail : [association-amis@henri-caffarel.org](mailto:association-amis@henri-caffarel.org)

Sítio Internet : [www.henri-caffarel.org](http://www.henri-caffarel.org)

---

**JÁ PENSOU EM RENOVAR A SUA ADESÃO  
À ASSOCIAÇÃO  
DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL ???**

**CORTE e PREENCHA esta FOLHA  
ENVIE COM O SEU CHEQUE**

Para

*Associação Internacional de Apoio  
à causa da Beatificação do  
Padre Henri CAFFAREL*

49 rue de la Glacière – 7ème étage  
F-75013 PARIS

[www.henri-caffarel.org](http://www.henri-caffarel.org)

Apelido: .....

Nome: .....

Endereço: .....

.....

Código Postal: ..... Cidade.....

Estado..... País.....

Telefone: .....

E-mail:.....@.....

Atividade profissional – religiosa .....

.....

**Renovo a minha adesão (renovamos) à Associação**  
“Os Amigos do Padre CAFFAREL” para 2014

**Satisfaço (satisfazemos) a quotização anual**

Membro associado: 10 €

Casal associado: 15 €

Membro benfeitor: 25 € ou mais

**Cheque bancário ou postal à ordem de “Les amis du Père Caffarel”  
Peço que enviem informação e um formulário de adesão  
às seguintes pessoas**

Nome e Apelido: .....  
Endereço: .....  
Código Postal: ..... Cidade: .....  
País: .....  
e-mail: ..... @ .....

Nome e Apelido: .....  
Endereço: .....  
Código Postal: ..... Cidade: .....  
País: .....  
e-mail: ..... @ .....

Nome e Apelido: .....  
Endereço: .....  
Código Postal: ..... Cidade: .....  
País: .....  
e-mail: ..... @ .....

Nome e Apelido: .....  
Endereço: .....  
Código Postal: ..... Cidade: .....  
País: .....  
e-mail: ..... @ .....

Nome e Apelido: .....  
Endereço: .....  
Código Postal: ..... Cidade: .....  
País: .....  
e-mail: ..... @ .....